



## ***A revista “A pérola” do centro infantil Helen Keller: reflexo de um gesto pedagógico inclusivo no Portugal dos anos 60***

***(A Perola magazine and the Helen Keller School for Children:  
inclusive pedagogy in Portugal in the 1960s)***

*Maria ROMEIRAS AMADO  
Universidade NOVA de Lisboa<sup>1</sup>*

**RESUMO:** Este estudo dedica-se ao Centro Infantil Helen Keller, ímpar para estudo da história pedagógica da deficiência de meados do século XX. Integrado no Movimento da Escola Moderna, ali se encontram crianças com diversas características no campo da aptidão visual. Será focada em particular a revista *A Pérola*, produzida por trabalhos dos alunos, reflexo do espírito cooperativo entre docentes e discentes. Este periódico é muito mais que uma leitura do quotidiano escolar produzida em grafismos a tinta e em Braille, é uma forma de divulgar os objetivos pedagógicos da escola: a inclusão do outro, a harmonização da diferença e a celebração da diversidade pedagógica, preparando cada aluno para a integração social, académica e laboral, enfim, para a capitalização de uma escolaridade integradora nas suas vidas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Inovação pedagógica; revistas escolares; educação especial; deficiência visual.

**ABSTRACT:** The Helen Keller School for Children was a landmark initiative in the pedagogical history of disability in Portugal in the 20th century. The school was created as part of the Modern School Movement and catered for children with different types of visual impairment. This article focuses on the school magazine *A Pérola*, which featured work created by the students themselves, reflecting the spirit of cooperation between students and teachers. Printed in text and Braille, the magazine was both a record of day-to-day life at the school and a means of disseminating the institution's pedagogical model: inclusion of others, harmonisation of difference, celebration of pedagogical diversity, and preparation of students for their social, academic and professional lives afterwards through the experience of inclusive education.

**KEYWORDS:** pedagogic innovation; school magazine; special education; visual impairment.

---

<sup>1</sup> Instituto de História Contemporânea, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade NOVA de Lisboa / IN2PAST — Laboratório Associado para a Investigação e Inovação em Património, Artes, Sustentabilidade e Território.

## Introdução

“Ora, será em nome da análise desta ocultada evidência histórica que Sérgio Niza nos aparece tão firme e determinado na oposição ao que denomina aqui de ‘ensino simultâneo sistemático’, em favor de uma cultura por vir da diferença”.<sup>2</sup>

Este artigo é dedicado aos trabalhos desenvolvidos pelos alunos da escola Centro Helen Keller na revista escolar *A Pérola*. O Centro Helen Keller é uma escola portuguesa de educação integrada para alunos com e sem deficiências da visão. O levantamento dos dados deste estudo foi realizado no âmbito do projecto INOVAR<sup>3</sup> que orientou esta investigação no Instituto de Educação da Universidade de Lisboa e pretendeu investigar os fundamentos e formas de escolas e metodologias pedagógicas inovadoras de relevância no século XX em Portugal. O principal factor de análise é, assim, como citado acima, a inovação de que nos fala Jorge do Ó na citação supra quanto ao trabalho de Sérgio Niza, um dos professores que iremos encontrar no Centro Helen Keller nos anos 60.

Esta escola a que dedicaremos a nossa atenção tem a peculiaridade de ter, como algumas outras em Portugal, um enquadramento político de peso envolvente, dado que, entre 1928 e 1974, o nosso país foi gerido por um regime centralizador que orientava a educação como um dos seus principais estandartes teóricos de propaganda. Não dedicaremos a nossa principal atenção a este fato, mas devemos chamar a atenção como fator introdutório que as escolas de carácter inovador eram dificilmente implementadas em regime público, e viam-se forçadas a optar por projetos de ensino privado para poderem admitir professores assumidamente adversos ao sistema vigente, com ideias e ideais próprios. A estes projetos se dedicaram, assim, muitos professores excluídos pelo sistema político de então, situação que vamos encontrar no Centro Helen Keller, objecto do nosso estudo. Não há outros registos que as memórias encontradas nas entrevistas que fizemos aos antigos professores e funcionários da escola. Foi-nos indicado que a situação não era pacífica em relação ao Estado Português e, por exemplo, Maria Amália Borges — uma das fundadoras — foi sempre perseguida politicamente, tendo acabado por se ver forçada a emigrar de Portugal.

Desta forma, o alvo do nosso interesse e investigação — o Centro Helen Keller — foi fundado como uma escola privada, inclusiva<sup>4</sup> e acolhedora para alunos videntes, cegos e amblíopes, integrando desde a sua fundação, um quadro de pedagogos dinamizadores de novas formas escolares, ou seja, o desenho de um ambiente acolhedor e integrador de crianças com necessidades sensoriais diversas que usualmente seriam educadas em espaços separados, sem o benefício do convívio e troca de experiências que ali se promovia. Do mesmo modo se tornou inovadora através da utilização de uma diversidade

---

<sup>2</sup> Jorge do Ó, Apresentação do Livro: Sérgio Niza. Escritos sobre Educação (Lisboa: Tinta da China, 2013), 4.

<sup>3</sup> Projeto PTDC/MHC-CED/0893/2014 da Fundação para a Ciência e Tecnologia.

<sup>4</sup> “Escolas inclusivas que trabalhem para identificar e remover barreiras, e permitir que cada estudante tenha participação e conquistas em ambientes convencionais. Estabelecer escolas inclusivas é considerada como desejável para igualdade e direitos humanos, e possui benefícios educacionais, sociais e econômicos (UNESCO, 2001)” in <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000370508> consultado em 11-09-2023.

de aplicações, técnicas e fundamentos pedagógicos experimentais, tais como o uso da imprensa, a educação pela arte e a materialidade escolar adaptada ao tato como sentido primordial para o caso dos alunos cegos ou sistemas ampliados no caso dos alunos amblíopes. O seu espírito aberto e inovador era coordenado através dos seus pedagogos fundadores e de alguns professores comuns com outras instituições de ensino suas congéneres, no Portugal de meados do século XX, como o Colégio Claparède e o Colégio Pestalozzi, entre outros projectos pedagógicos que também se encontram em estudo pelo projecto INOVAR<sup>5</sup>.

O nosso objetivo neste artigo é assim relatar este projeto que foi iniciado pelo Centro Helen Keller, a revista escolar *A Pérola*, forma de comunicação integradora e cooperativa, da autoria conjunta de discentes e docentes: um exemplo da potência vinda da sua capacidade - mesmo tendo consciência pelos testemunhos dados em entrevista dos antigos docentes, funcionários e alunos das circunstâncias políticas adversas<sup>6</sup> para surpreender e inovar, até porque era oriunda de grupos de alunos em coeducação e sistema de educação inclusivo.

Esse plano politicamente complexo incentivou a criatividade dos professores e diretores que tentaram fazer o melhor destas novas formas escolares<sup>7</sup> ricas e diversas, assim moldadas às circunstâncias de cada escola, sendo que neste caso específico, adaptadas a uma circunstância de educação especial (as deficiências da visão) que se caracterizou pelo vanguardismo da utilização do ensino especial e da integração social como potência pedagógica. Pretendia-se com esta integração no quadro escolar simular o que seria a vivência dos alunos na sua vida pós-escolar.

Esta escola foi inicialmente designada Escola de Amblíopes Portuguesa — Centro de Recuperação Visual — Clínica Infantil de Recuperação de Amblíopes, tendo sido fundada pela Liga Portuguesa de Profilaxia da Cegueira<sup>8</sup>. Este projeto viria a ser mais tarde o Centro Infantil Helen Keller, atual Colégio Helen Keller, a primeira escola mista, em sistema de coeducação, socialmente transversal e integradora de alunos cegos, de baixa visão e normovisuais, fundada em 1955 em Portugal<sup>9</sup>, como iremos desenvolver em seguida e onde a revista *A Pérola* se apresentaria como projeto de vanguarda.

---

<sup>5</sup> Joaquim Pintassilgo, Luís Alberto Marques Alves (coord). *Roteiros da Inovação Pedagógica. Escolas e Experiências de Referência em Portugal no século XX (Itineraries of Pedagogical innovation. Reference schools and experiences in Portugal in the twentieth century)*. Projecto INOVAR, FCT project PTDC/MHC-CED/0893/2014 - from 2016 to 2019. (Lisboa: Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, 2019).

<sup>6</sup> Maria Amado, "Centro Helen Keller: Inovar na Diversidade" in *Roteiros da Inovação Pedagógica. Escolas e Experiências de Referência em Portugal no século XX (Itineraries of Pedagogical innovation. Reference schools and experiences in Portugal in the twentieth century)*. Joaquim Pintassilgo e Luís Alberto Marques Alves (coord.). Projecto INOVAR, FCT project PTDC/MHC-CED/0893/2014 - from 2016 to 2019. (Lisboa: Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, 2019). Pp. 381-413, 403.

<sup>7</sup> Pascal Paulus, *Uma Outra Forma de Fazer Escola: A Voz do Operário da Ajuda* (Tese de Doutoramento). (Lisboa: Instituto de Educação, Universidade de Lisboa, 2013).

<sup>8</sup> Mário Moutinho, *Escolas de Amblíopes. Obra da Liga Portuguesa de Profilaxia da Cegueira. Separata do Boletim da Associação de Socorros Mútuos*. (Mutualista Covilhanense, 1958).

<sup>9</sup> Maria Eduarda Dias. *Ver, Não Ver e Conviver*. (Lisboa: INR, 1995).

## Fundamentação

Esta emergência da forma escolar não acontece sem dificuldades, conflitos e lutas, de tal sorte que a história da escola está repleta de polémicas e posição exacerbadas: por sua vez, o ensino encontra-se, talvez, sempre ‘em crise’. Vê-se então que uma teoria da forma escolar permite, diferentemente das teorias estruturalistas, pensar a mudança.<sup>10</sup>

Como mencionámos na introdução, o Centro Helen Keller foi fundado em 1955 numa situação politicamente complexa em Portugal, em que muitos professores adversos ao *status quo* eram impedidos de aceder ao ensino público<sup>11</sup>. A gestão desse clima conflituoso não impediu, porém, a movimentação de projetos pedagógicos alternativos. Pelo contrário, este projeto, do âmbito do ensino privado, como alguns outros seus congéneres na época, beneficiou do contributo de muitos desses professores, inovadores e idealistas, ou seja, abertos a novas técnicas pedagógicas que dificilmente seriam aceites pelos então governos portugueses de características ditatoriais (1928-1974), designadamente princípios cooperativos intra-escolares e de comunicação aberta inter-escolas, princípios de coeducação e integração de deficientes nas classes regulares.<sup>12</sup>

Para falar sobre o projeto que foi o Centro Helen Keller, e a sua faceta particularmente inovadora de integração — de que nasceu, entre outros projetos, o nosso objecto de atenção, a revista *A Pérola* — começarei por mencionar os seus fundadores e a motivação e circunstâncias da sua fundação. Seguidamente tratarei das questões relativas à integração de crianças videntes, cegas e amblíopes, em sistema de coeducação e cooperativismo intra e inter-escolar, de que foram evidência as formas diversas de interação e comunicação que constituem a terceira parte deste estudo.

Em primeiro lugar, e para nos familiarizarmos com o projeto, é necessário avaliar o contributo de cada um dos seus fundadores, numa forma multidisciplinar propícia à interiorização da diferença. A dificuldade oficial em permitir algumas mudanças exigiria condições particulares de criatividade e ousadia por parte dos fundadores, pedagogos e docentes desta escola. Dessa criatividade nascem gestos pedagógicos como a fundação desta revista.

Mário Moutinho (1877-1961) é o primeiro fundador de que falaremos, militar e médico oftalmologista, tal como o seu filho Henrique Moutinho, também de medicina oftalmológica e igualmente ligado a este projecto pedagógico<sup>13</sup>. Mário Moutinho fundou em Portugal a Liga Portuguesa de Profilaxia da Cegueira, em 1936. Esta instituição, originária

---

<sup>10</sup> Guy Vincent., Sobre a História e a Teoria da Forma Escolar. *Educação em Revista*. (Belo Horizonte, nº 33, 10, 2001), 12.

<sup>11</sup> Maria Amado, “Centro Helen Keller: Inovar na Diversidade”, 385.

<sup>12</sup> António Nóvoa. Coord.. *As organizações escolares em análise*. (Lisboa: Publicações Dom Quixote; Instituto de Inovação Educacional, 1992), 87.

<sup>13</sup> João dos Santos, “In Memoriam, Dr. Mário Moutinho (1877-1971)”. *Strabismus. Revista Portuguesa de Oftalmologia Social*. (Lisboa: Liga Portuguesa de Profilaxia da Cegueira e de Recuperação de Inferiorizados Visuais, 1962).

do Congresso de Haia de 1922, seria o fundamento do futuro Centro Infantil Helen Keller. Tendo aberto um consultório anexo ao Asilo-escola António Feliciano de Castilho, a primeira escola para cegos em Portugal, datada de 1888, Mário Moutinho propunha-se, assim, associar a medicina à pedagogia numa perspetiva de inclusão e não de segregação, ou seja, apoiando a ideia dos docentes em gerir uma comunidade mista de alunos com diversas características sensoriais em vez de as separar em aulas distintas. E foi esse o princípio fundador de um sistema inclusivo experimental.

Em 1955, já em colaboração com o seu filho Henrique, com o médico e pedagogo João dos Santos e com a pedagoga Maria Amália Borges, a Liga Portuguesa da Profilaxia da Cegueira instalaria a primeira Escola de Amblíopes Portuguesa, designada por Centro de Recuperação Visual – Clínica Infantil de Recuperação de Amblíopes<sup>14</sup>, com o suporte do Rotary Club de Lisboa.

João dos Santos (1913-1987), o segundo elemento deste grupo fundador, concluiu em 1934 o curso da Escola Superior de Educação Física e em 1939 o curso de Medicina com a especialidade de Neurologia. Trabalhou em Psiquiatria Infantil no Instituto Aurélio da Costa Ferreira e no Hospital Júlio de Matos. Por ligações ao Movimento de Unidade Democrática, em 1945, foi proibido de exercer em hospitais públicos. Partiu então para Paris onde se especializou em Biopsicologia e Psicanálise Infantil. Em 1954 e 1955 apoiou várias entidades educativas em Portugal, tendo iniciado o trabalho com a Clínica Infantil de Reeducação de Amblíopes da Liga Portuguesa de Profilaxia da Cegueira, projeto rebatizado em 1956 de Centro Infantil Helen Keller, apoiado por Azeredo Perdigão – Presidente da Fundação Calouste Gulbenkian – e sempre com a colaboração de Henrique Moutinho e de Maria Amália Borges.

É seu o trabalho teórico de valorização das crianças cegas e amblíopes, apresentando o sentido da visão como integrado num todo que se complementa, o que permite, pela educação, enriquecer o aluno, qualquer aluno, através de experiências vindas dos outros sentidos, dos vários sentidos. Os seus conceitos de plasticidade cerebral são muito à frente do seu tempo e a sua persistência no campo pedagógico é disso a prova: "Se o cérebro reage como uma unidade, é preciso fornecer-lhe os materiais necessários para que a sua plasticidade se afirme e desenvolva, permitindo ao indivíduo perceber o mundo exterior e não só isso (...), mas entrar em contacto com os outros, agir sobre os objectos e pessoas e empatizar com os seus semelhantes"<sup>15</sup>. "Eles formavam uma unidade, o Henrique e o João dos Santos. O Henrique era muito, como é que eu hei-de dizer, era voluntarioso. O João dos Santos era sábio"<sup>16</sup>.

A terceira fundadora, Maria Amália Harberts Borges Medeiros Gutierrez (1919-1971) licenciou-se em Ciências Histórico-Filosóficas, tendo complementado a sua formação

---

<sup>14</sup> Mário Moutinho, *Escolas de Amblíopes. Obra da Liga Portuguesa de Profilaxia da Cegueira*.

<sup>15</sup> João dos Santos, "In Memoriam, Dr. Mário Moutinho (1877-1971)", 65.

<sup>16</sup> Entrevista a Artur Anselmo, antigo presidente do Centro Infantil Helen Keller e actual Presidente da Academia das Ciências de Lisboa, em 11/01/2017.

com estudos de Música no Conservatório de Lisboa e com o Curso de Ciências Pedagógicas e Psicologia. Os seus primeiros contactos com alunos do ensino especial realizaram-se no Instituto Aurélio da Costa Ferreira. Em 1943 apresentou a sua tese de licenciatura sobre *O Condicionamento do Indivíduo*, da qual se destaca: “O objectivo central da luta pedagógica de Maria Amália Borges foi contribuir para a revolução pedagógica a realizar na escola portuguesa em geral e, notadamente, no sector do ensino de crianças deficientes, para a sua integração educativa.”<sup>17</sup>

Deixou grande produção pedagógica nas escolas em que colaborou como psicóloga, bem como na que fundou e que daria origem ao Centro Infantil Helen Keller, mas também com as suas reflexões e escritos, em Portugal e mais tarde no Canadá, para onde se exilou por razões políticas. A sua reflexão pedagógica ficou na escola como herança de um trabalho árduo e fundamentou muito do trabalho que foi desenvolvido, mesmo depois da sua partida, com os alunos: “Aquele que trabalha de acordo com as suas possibilidades físicas e intelectuais, que se realiza no que faz e que está seguro de que o resultado da sua acção será aceite pelo grupo humano ao qual pertence conhece uma satisfação profunda: a do resultado do esforço.”<sup>18</sup> E ainda: “Todas as crianças têm necessidade de agir, e, se as queremos equilibradas dos pontos de vista intelectual e emotivo, é necessário que sintam a sua acção apoiada pelo adulto e que a mesma seja progressivamente socializada.”<sup>19</sup>

A escola inicial e experimental teve então instalações provisórias desde a casa da própria Maria Amália Borges na Rua Maria (esta foi a escola inicial, designada Irene Lisboa, nunca chegando a ser autorizada pelo Estado português), à Praça Andrade Caminha, à Rua Correia Telles, ao Colégio Eduardo Claparède, à Fundação Sain e às Classes Especiais da Escola de Ensino Primário Oficial do Bairro de S. Miguel, à Avenida Óscar Monteiro Torres, à Rua José Estevão (Jardim Constantino) e finalmente à Rua Monte Olivete, última localização provisória do Centro Helen Keller<sup>20</sup>. Com a visita de Helen Keller a Portugal em 1956, sob o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian, esta entidade passou a intitular-se Centro Infantil Helen Keller em sua homenagem e foi adquirindo diversos apoios privados e públicos que lhe permitiram subsistir e manter a sua independência ideológica em relação à ideologia vigente em Portugal à época e autonomia pedagógica.

Em 1973 passou, com a colaboração, entre outras entidades, da Câmara Municipal de Lisboa, para as actuais instalações do Restelo, zona arborizada nos arredores de Lisboa. Para a compra do terreno contribuíram órgãos de comunicação social, nomeadamente o movimento de apoio público lançado para o efeito no jornal *Diário de Notícias*, de iniciativa do seu Presidente à época, Professor Artur Anselmo. Para a subsistência da instituição contribuíam já diversas entidades públicas e privadas. Mais foram, na altura, angariados

<sup>17</sup> Rogério Fernandes, Movimentos de Inovação Pedagógica no Portugal Contemporâneo. Maria Amália Borges e a Integração Educativa em Meados do Século. *Escola Moderna*, n. 3, 5ª Série, 1998, pp. 23-41, 39.

<sup>18</sup> Maria Amália Medeiros, *As Três Faces da Pedagogia*. (Lisboa: Livros Horizonte, 1975), 31.

<sup>19</sup> *Ibidem*, 33.

<sup>20</sup> Maria Isabel Pereira, *Caminhada de Uma Educadora*. (Santarém, 2002).

fundos sob diversas formas (exposições, leilões, etc.) e igualmente numerosas doações e até heranças de pessoas ligadas ao Centro ou simplesmente sensibilizadas pela filosofia integradora do seu projeto. Instituições como os Rotários estiveram também sempre presentes — como ainda hoje — no apoio ao desenvolvimento desta instituição.

Do ponto de vista pedagógico, a influência das técnicas de Célestin Freinet nesta viagem pedagógica foi fundamental, destacando-se: a expressão livre, o uso da imprensa, a instituição de hábitos como a correspondência interescolar e o sempre presente jornal de parede — com os seus projetos, elogios e críticas por parte dos alunos — assim como a criação de diversas rotinas de gestão comunitária e cooperativa, e o reforço da educação pela arte. A professora Isabel Pereira, primeira professora primária desta escola, fez também um estágio em França, na própria escola de Célestin Freinet.

Por outro lado, o apoio à escola Helen Keller da artista Cecília Menano foi fundamental, desde os primeiros tempos, para a aplicação da arte na educação, o que se irá manifestar na Revista *A Pérola*. A formação que prestou à professora Isabel Pereira desenvolveu exponencialmente as actividades artísticas adaptadas a alunos com baixa visão. O desenho e a pintura feitos em grande escala constituíram um projeto arrojado e a própria *Cartilha Maternal João de Deus*, obra usada para o ensino das letras no ensino primário português, foi ampliada e colorida em cores vivas contrastadas, para melhor leitura pelos alunos amblíopes.

Também o contributo dos ideais cooperativos de António Sérgio<sup>21</sup> marcou bastante a vida e a ideologia praticada no quotidiano dos alunos do Centro Infantil Helen Keller, endereçando os seus comportamentos grupais para a integração natural das diferenças físicas e para o cabimento de todos no coletivo.<sup>22</sup> Conforme nos é transmitido nas entrevistas, as assembleias de alunos tinham de facto poder de gestão de situações e de projectos, e a palavra — o discurso, oral ou escrito — era desenvolvida de forma pragmática, intencional e livre.

Há ainda que considerar que a circunstância política de um país em crise contribuiu para o desenvolvimento deste projeto ou, melhor, dizendo, dele fez parte. Num momento em que as ideias políticas adversas ao regime eram afastadas de regiões de intervenção pública bastante visível como seja a educação, muitos professores ligados a ideologias liberais ou mesmo filiados em movimentos de intervenção política contrários ao regime de Oliveira Salazar eram proibidos de ensinar no ensino público, como foi o caso de Maria Amália Borges, do Partido Comunista Português. Assim, recorreram à hipótese de envender por um dos muitos colégios privados onde, mesmo que discretamente, projectos inovadores tentavam fazer a diferença<sup>23</sup>. Foi por essa circunstância que professores como Sérgio Niza entraram para o Centro Helen Keller como outros professores e pedagogos de

---

<sup>21</sup> António Sérgio, *Sobre o Sistema Cooperativista*. (Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1984).

<sup>22</sup> Entrevista a Sérgio Niza, antigo professor do Centro Infantil Helen Keller em 5/9/2017.

<sup>23</sup> Maria Amado, "Centro Helen Keller: Inovar na Diversidade", 386.

extrema importância. E foi por essa circunstância que a fundadora Maria Amália Borges se viu forçada a sair do país em 1963, para o Canadá, onde viria a falecer em 1971<sup>24</sup>.

Como ressalva o historiador da educação Rogério Fernandes: “O advento da Ditadura, adotando o maltusianismo financeiro como forma de equilibrar as despesas públicas, fez baixar drasticamente a qualidade do ensino e destruiu sistematicamente todos os focos pedagógicos renovadores, os quais se imbricavam intimamente com os ideais de autonomia da escola, do professor e dos educandos, do mesmo modo que traduziam o reconhecimento do papel activo dos docentes no processo educativo.”<sup>25</sup>

Consideramos o Centro Helen Keller uma dessas clareiras, iluminada pelas formações complementares dos seus fundadores. É de acrescentar que actualmente esta escola ainda se encontra em funcionamento com grande parte dos pressupostos pedagógicos iniciais, nomeadamente os princípios da integração e do respeito pela diversidade educativa que atualmente se divulgam igualmente pelo ensino público.

### **Integrar: ser inteiro**

All of us, sociology claims, speak from the point of view of a group. The special situation of the stigmatized is that society tells him he is a member of the wider group, which means he is a normal human being, but that he is also ‘different’ in some degree, and that it would be foolish to deny this difference.<sup>26</sup>

O segundo contexto, o da integração em Portugal, necessita de um regresso ao final do século XIX, onde se encontra a primeira escola para cegos do país, em Lisboa: o Asilo-escola António Feliciano de Castilho, fundado em 1888. Até então, os cegos portugueses eram asilados em instituições — como por exemplo o Asilo de Nossa Senhora da Esperança em Castelo de Vide — ou geridos em casa, salvo excepções económica e socialmente muito favoráveis que proporcionavam aos seus beneficiados uma independência e desenvoltura de vida muito raras. Por isso, quando, na pequena escola da rua Maria, se encontrou a sua vontade de educação pela autonomia com o desejo de Henrique Moutinho e de João dos Santos em integrar a diversidade física, sensorial, cognitiva e social, em 1955, estava lançado um projecto verdadeiramente inovador. Na sequência da primeira Escola de Amblíopes Portuguesa da Liga Portuguesa da Profilaxia da Cegueira e do Centro de Recuperação Visual – Clínica Infantil de Recuperação de Amblíopes, estruturar-se-ia a escola mista, de ensino integrado e socialmente transversal que viria a ser o Centro Infantil Helen Keller.

---

<sup>24</sup> *Ibidem*, 398.

<sup>25</sup> Rogério Fernandes, *Movimentos de Inovação Pedagógica no Portugal Contemporâneo*. Maria Amália Borges e a Integração Educativa em Meados do Século, 167.

<sup>26</sup> “Todos nós, assim clama a sociologia, falamos do ponto de vista de um grupo. A situação especial do estigmatizado advém da mensagem social da sua pertença ao grupo geral, o que significa que é um ser humano normal, mas é igualmente ‘diferente’ em certo grau, e que seria insensato em ignorar essa diferença.” Erving Goffman (1990). *Stigma. Notes on the Management of Spoiled Identity*. London: Penguin Books, 149. Tradução da autora.



A forma escolar encontrada para este modelo integrador passava muito pela aplicação das técnicas Freinet, modelo do Movimento da Escola Moderna Francesa e, como já foi mencionado, pelos ideais cooperativos de António Sérgio. Mas mais do que um modelo de educação que proporcionasse a possibilidade de convívio entre o modelo de aluno normovisual e o modelo de aluno cego, o ideal atravessava também o paradigma social dos alunos e o estigma que ainda presidia à coeducação. Conforme palavras de um antigo aluno:

E a sociedade na época era, ainda hoje é preconceituosa, naquela altura era mais, não é? E então não conseguiam crianças para fazer a integração. Como havia imensa dificuldade eles falaram com os amigos e foram os amigos deles médicos que acharam o projeto interessantíssimo e entregaram as crianças, os filhos. Portanto, os primeiros alunos normovisuais do Centro Helen Keller foram os filhos dos amigos deles. Foi desde logo também uma dupla integração porque foi, não só uma integração a nível da deficiência — deficientes e normovisuais, haver uma verdadeira inclusão — mas foi também a nível social. Porque havia aqui, houve sempre aqui, todas as classes sociais, do mais alto ao mais, ao com menos recursos, não é? Isso sempre foi muito interessante e rico para a formação humana de todos, de todos e também dos das classes mais altas. Vivemos aqui coisas muito interessantes.<sup>27</sup>

A partilha é de Maria Eduarda Dias, antiga professora, mãe de alunos, antiga Directora Pedagógica do Centro. E também neste sentido nos fala um antigo aluno, Francisco Romeiras:

E outra coisa que eu já disse, mas queria só repetir para ver se fica mais claro que é, como lhe disse há pouco, o mais difícil é as diferenças sociais, não necessariamente as diferenças na visão. Isto era o que tornava a interação mais fácil ou mais difícil entre os que viam e os que não viam. Porque os que não viam e tinham contextos familiares complicadíssimos era muito mais difícil.<sup>28</sup>

Segundo Goffman<sup>29</sup>, encontramos aqui uma assimetria do processo de comunicação, que implica uma transversalidade no contato social e académico e na própria identificação do eu em comunidade. Todos os testemunhos recolhidos concorrem para a percepção dos elementos da comunidade escolar dessas transversalidades, do seu reconhecimento, da sua identificação. O facto da diferença ser uma permanência na vida escolar normalizou-a e toda a produção dos alunos em termos de escrita, desenho, trabalhos, ou mesmo testemunhos registados como filmes e fotografias de várias épocas da vida da escola mostram uma potência de comunicação bastante particular e intensa, sobrepondo-se às aparentes dificuldades, diferenças e diversidades que constituíram desde o início a forma escolar do Centro Helen Keller que, enquanto jardim de infância e escola primária tinha ainda a vantagem de ter recebido diversas jovens professoras recém-licenciadas que, sob a orientação de Maria Amália Borges se dedicavam ao experimentalismo pedagógico.

---

<sup>27</sup> Entrevista a Maria Eduarda Dias, antiga professora e directora pedagógica do Centro Infantil Helen Keller em 24 de outubro de 2016.

<sup>28</sup> Entrevista a Francisco Malta Romeiras, antigo aluno do Centro Infantil Helen Keller em 30 de março de 2017.

<sup>29</sup> Erving Goffman, *A Apresentação do Eu na Vida de Todos os Dias*. (Lisboa: Relógio d'Água, 1993).

É, assim, no seio deste consenso funcional<sup>30</sup> que os alunos vão desenvolver as suas capacidades, em conjunto, de forma complementar e natural, participando em projetos e vivências escolares e sociais intensas e criativas, sobretudo para a sua condição sensorial diversa. O cooperativismo como forma escolar e a arte como veículo de produção individual e conjunta, mas também de comunicação, são fatores de grande importância para o espírito de grupo e para o desenvolvimento e integração de um coletivo tão diverso de crianças. Assim, vamos encontrar testemunhos da importância dada a ferramentas pedagógicas como a imprensa, o que levará ao desenvolvimento do projeto da revista:

Um dos aspectos muito interessantes do funcionamento do grupo foi a utilização da imprensa, a criação do livro de vida e sobretudo da cooperativa escolar cuja finalidade básica era proporcionar a participação das crianças na gestão da actividade educativa. Dispomos de um fragmento manuscrito do Livro de Actas dessa Cooperativa Escolar, relativo ao ano lectivo de 1960-1961 (...). Na primeira reunião, realizada em 15 de Outubro de 1960, estão presentes professores e alunos. Maria Amália Borges expõe de forma muito clara a intenção e o interesse da iniciativa: organização dos próprios alunos com vista ao desenvolvimento da escola, fazendo-se trabalhos que, uma vez vendidos, podiam possibilitar a compra de coisas úteis (...). Propõe, por exemplo, a produção de cartões de Boas Festas para o Natal: os amblíopes pintá-los-iam, ou fariam gravura a negro e os cegos fariam gravura em relevo.<sup>31</sup>

Podemos constatar, mediante este precioso depoimento, que se o cooperativismo repartia em igual medida as responsabilidades e geria as boas relações interpessoais entre crianças de diversas características e adultos orientadores, também a produção de documentos individuais ou coletivos, de carácter de gestão ou registo de actividades ou de carácter artístico, refletiam a diversidade sensorial e cognitiva dos alunos participantes, respeitando os suportes de comunicação escrita e gráfica de que cada grupo necessitava para a comunicação global e eficiente. Assim, a tinta e o Braille, o desenho e o relevo coexistiram desde os primeiros tempos deste projecto, associados ao ampliado e contrastado, gerando uma multiplicidade de suportes que se tornou natural para os alunos e que veio a ter o seu expoente de harmonia na primeira revista escolar *A Pérola*, que passamos a analisar como espelho da filosofia da escola, criativa, diversa e integradora.

### Comunicação e partilha

Três vertentes foram fundamentais na comunicação entre alunos, professores e comunidade escolar em geral, permitindo a concretização dos ideais pedagógicos dos fundadores da escola Helen Keller: em primeiro lugar o *Jornal de Parede*, onde todas as iniciativas, desejos, críticas e decisões eram tomadas e registadas pelos alunos, em verdadeiro espírito cooperativo e aberto<sup>32</sup>. Obviamente que a escrita era fundamental para a execução deste projecto, pelo que alunos e professores colaboravam muito de perto na sua execução, sobretudo para que fossem incluídas as classes de meninos mais novos

---

<sup>30</sup> *Ibidem*.

<sup>31</sup> Rogério Fernandes, *Movimentos de Inovação Pedagógica no Portugal Contemporâneo*. Maria Amália Borges e a Integração Educativa em Meados do Século, 31.

<sup>32</sup> Maria Amado, "Centro Helen Keller: Inovar na Diversidade", 392.

nestes processos comunicacionais, o que implicava apoio dos docentes na transmissão da mensagem-desejo à mensagem-escrita.

Em segundo lugar há que destacar a imprensa, uma das técnicas herdadas de Célestin Freinet e que, tendo contribuído de forma intensa para a formação e desempenho dos primeiros professores e pedagogos da escola, fazia parte do quotidiano dos alunos desde a mais tenra idade, como se pode verificar pela análise que agora fazemos desta revista. As suas mensagens, os seus pensamentos, os seus projetos, as suas reflexões, eram assim passadas a escrito em forma de tipografia, com a ajuda dos professores, mesmo que os alunos ainda não soubessem escrever. O importante era a compreensão da capacidade de comunicação do processo escrita/leitura. Em complemento, os desenhos dos alunos eram passados também para impressão. Mais tarde, e com a maquinaria adequada, também o Braille passou a integrar este processo e mesmo os desenhos relevados passaram a circular inclusivamente no periódico inicial da escola: *A Pérola*. Podem ser tomados como exemplos as imagens 4 e 5 que seguidamente se apresentam.

Esta terceira forma de expressão dos alunos surge-nos sob a forma de periódico, de que existem exemplares das décadas de 60 e de 70 do século XX no arquivo do Colégio Helen Keller. Era uma revista escolar de curtíssima tiragem, destinada ao próprio meio escolar e famílias a ele associadas. O seu formato A5 tornava-a de produção económica e facilmente manuseável. As suas capas e folhas interiores eram de diversas gramagens, texturas e cores, tornando-a diversa e atrativa ao tato e à visão.

Do ponto de vista do conteúdo, nela se encontram capas com desenhos individuais ou coletivos, artigos escritos por alunos de diversos níveis de escolaridade e diferentes características, de autoria individual ou coletiva, nele transparecem a coeducação, a inserção social e a inclusão. *Através d'A Pérola* trespassa a liberdade de temas dada aos alunos como veremos mais adiante, a gestão do espaço de livre expressão e a relevância da variedade e riqueza de formas de exposição das suas mensagens, desde a tinta ao Braille, desde o desenho a lápis ou caneta ao desenho impresso ou relevado à mão ou à máquina.

Em suma, estas três vias de comunicação pela escrita livre defendida por Freinet como uma forma de interessar os alunos e criar um ambiente participativo e criativo levaram a uma relação profunda com a escrita, não diminuída pela presença de intermediários e proporcionaram um ambiente integrador e coeso de turmas ricas em diversidade de características. Se os jornais escolares proporcionavam um meio de consenso funcional e operacional<sup>33</sup> pela ampla linha de colaboração estabelecida na sua preparação e divulgação, enriqueciam a comunidade produtora igualmente no seu usufruto, dado que eram estes mesmos jornais escolares um produto da criatividade e progresso dos próprios alunos, num esforço de todos para todos. Considerando ainda que, desde o século XIX, os periódicos escolares iniciaram o seu percurso de ligação entre a comunidade

---

<sup>33</sup> Erving Goffman, *A Apresentação do Eu na Vida de Todos os Dias*.

escolar e social. Foi assim que *A Pérola* foi parte integrante do desenvolvimento social e da integração dos alunos do Centro Helen Keller.

Assim encontramos refletidos estes princípios n' *A Pérola*,<sup>34</sup> periódico escolar que iremos explorar mais em detalhe, precisamente a terceira via de comunicação e partilha, jornal feito pelos e para os alunos, a negro e em Braille, riquíssima fonte de informação sobre os pensamentos e atividades das crianças do Centro Infantil Helen Keller ao longo dos anos. Sucederam-lhe o Jornal *Ponto de Vista* e mais recentemente – em 2018 – *Espreitadela*.

Se nestes dois jornais mais recentes se misturam contribuições de docentes e discentes, neste periódico a totalidade da informação gráfica e infográfica era da responsabilidade dos alunos, pelo menos do ponto de vista do conteúdo. Após uma capa de cores garridas seguiam-se redações diversas, mensagens, histórias, observações, relatos individuais e de conjunto, por vezes relatando acontecimentos passados no seio familiar, por vezes passados na escola ou em visitas de estudo, impressos umas vezes a negro, outras com desenhos coloridos, outras ainda em Braille e desenhos relevados.

Foram por nós escolhidos três anos para análise de conteúdos: 1965, 1966 e 1967. Neste três anos há exemplares com boa qualidade de impressão e situações de impressão em negro e braille. Nos números escolhidos procurámos identificar a eficácia da imprensa escolar como método de socialização entre alunos cegos, amblíopes e norm-visuais, a capacidade de participação social no caso dos textos coletivos<sup>35</sup> e folhas de noticiário de classe,<sup>36</sup> bem como o reflexo da integração dos alunos cegos e amblíopes nos trabalhos e produção de conjunto.

Por outro lado, a informalidade das correções, o assumir de uma aprendizagem progressiva e a valorização da mensagem sobre a forma, são provas do sucesso desta experiência escolar num meio em que o progresso individual e coletivo se queriam harmoniosos, possibilitando o crescimento humano e social sobre as características e diversidades individuais, num meio escolar em que as diferentes aptidões sensoriais poderiam tender mais à segregação que ao espírito de grupo.

O poder do coletivo divulgado pelas técnicas Freinet e continuado pelo Movimento da Escola Moderna, tem também a sua expressão neste primeiro jornal escolar do Centro Helen Keller. N' *A Pérola* eram frequentes os artigos e desenhos de autoria coletiva e ainda a publicação de relatórios intitulados “Página de Vida”, como o exemplo que seguidamente se publica:

Nestes pequenos relatórios se expressa a diversidade da escola, sendo que com toda a naturalidade são descritas actividades de várias naturezas e autores, mencionadas

---

<sup>34</sup> Imagem 1 - Capa da revista *A Pérola*, janeiro de 1965, Arquivo do Centro Helen Keller, DSC3938b.jpg

<sup>35</sup> Imagem 2 - Artigo coletivo da revista *A Pérola*, março de 1965, Arquivo do Centro Helen Keller, DSC3940b.jpg

<sup>36</sup> Imagem 6 - Artigo coletivo da revista *A Pérola*, junho de 1967, Arquivo do Centro Helen Keller, DSC\_4173b.jpg



Imagem 1. Capa da revista *A Pérola*, janeiro de 1965, Arquivo do Centro Helen Keller, fotografia da autora.

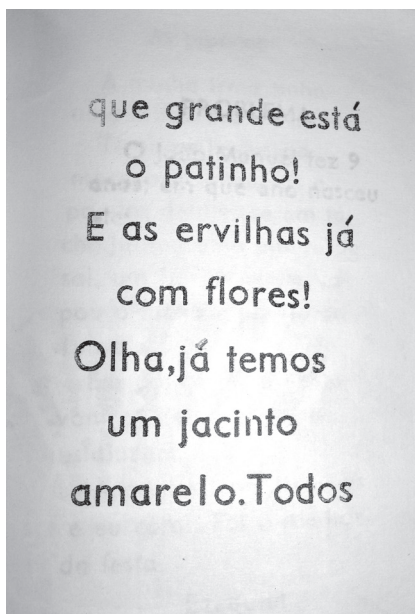


Imagem 2 - Artigo coletivo da revista *A Pérola*, março de 1965, Arquivo do Centro Helen Keller, fotografia da autora.

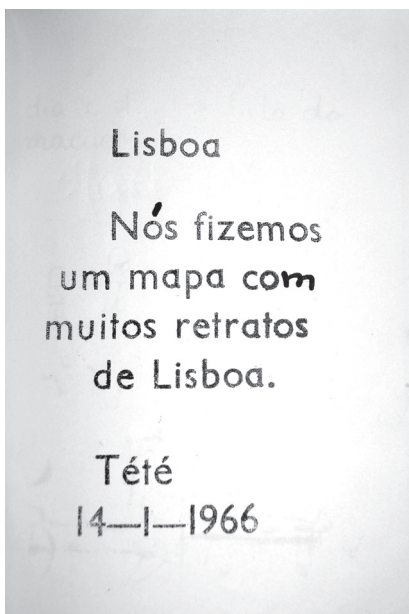


Imagem 3 - Artigo individual da revista *Pérola*, janeiro de 1966, Arquivo do Centro Helen Keller, fotografia da autora.



Imagem 4 - Desenho em relevo da revista *A Pérola*, maio-junho de 1966, Arquivo do Centro Helen Keller, fotografia da autora.

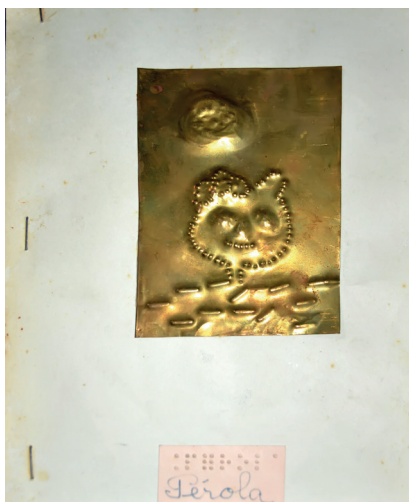


Imagem 5 - Capa em tinta, Braille e desenho relevo da revista *A Pérola*, março de 1965 Arquivo do Centro Helen Keller, fotografia da autora.

"Os morangos"

Morangos de Sintra, ou  
viamos diariamente apre-  
gour o vendedor, ao pé da  
nossa escola.

"Espere aí um bocadinho,  
gritou-lhe um dia a Harisabel  
Fomos todos ver os cabazes  
com morangos, a balança  
e os pesos que o vendedor  
levava.

Comprámos meio quilo de  
morangos que custaram  
9\$00 e comemo-los com  
açúcar.

Coletivo - 1<sup>ª</sup> e 2<sup>ª</sup> classes  
Braille

Imagem 6 - Artigo coletivo de turmas Braille da revista APérola, Arquivo do Centro Helen Keller, fotografia da autora.

Natureza da composição

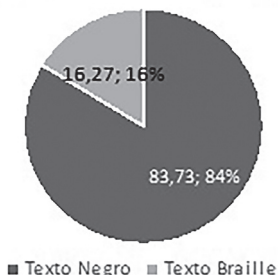


Imagem 7 - Gráfico percentual da natureza da composição (negro ou braille) da revista *A Pérola*, 1965 a 1967.

Gráfico com base nas edições da revista *A Pérola*, referentes aos anos de 1965 a 1967 – Arquivo da revista *A Pérola*, Centro Helen Keller, Lisboa

Natureza da produção

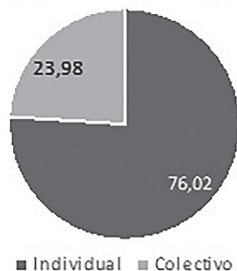


Imagem 8 - Gráfico percentual da natureza da produção (individual ou coletiva) da revista *A Pérola*, 1965 a 1967.

Gráfico com base nas edições da revista *A Pérola*, referentes aos anos de 1965 a 1967 – Arquivo da revista *A Pérola*, Centro Helen Keller, Lisboa

sempre as suas marcas de diversidade: classe de Braille, classe de Amblíopes, classes regulares ou mistas, as respetivas atividades, interesses e projectos.

O corpo diverso é assim exposto em sua autoria de acções e produções, numa forma possível de lidar com a realidade, um dos processos de liberalidade autocontrolada que caracteriza o conceito de biopoder que Foucault<sup>37</sup> nos lega. A ideia de gerir os corpos como potenciais utilitários, os seus valores materiais e intelectuais valorizados e desenvolvimentos num enquadramento – neste caso escolar – proporciona uma integração na grelha social e de gestão do Estado, no caso desta escola ultrapassando a diversidade de características físicas, sensoriais e cognitivas na direção de uma participação cívica plena.

Aprofundando esta potência de integração dos alunos, verificamos, através da análise dos três anos de dados que constituem o nosso estudo de caso, que a proporção entre as publicações em braille e a tinta são de 16 para 84%.<sup>38</sup> Podendo parecer números desproporcionados, lembramos que sempre houve mais crianças normovisuais que com patologias da visão no Centro Helen Keller, precisamente por se manter o objectivo original de simulação social para uma futura integração na vida adulta, fluida e sem sobressaltos. Teremos ainda de ter em conta que alguns dos textos braille eram transcritos para tinta na página seguinte da revista, para sua melhor divulgação e destaque, aumentando, dessa forma, a proporção de páginas impressas a tinta, mas feitas por alunos cegos ou amblíopes.

<sup>37</sup> Michel Foucault, *Nascimento da Biopolítica: curso dado no Collège de France (1978-1979)*. (São Paulo: Martins Fontes, 1998).

<sup>38</sup> Imagem 7 - Gráfico percentual da natureza da composição (negro ou braille) da revista *A Pérola*, 1965 a 1967.



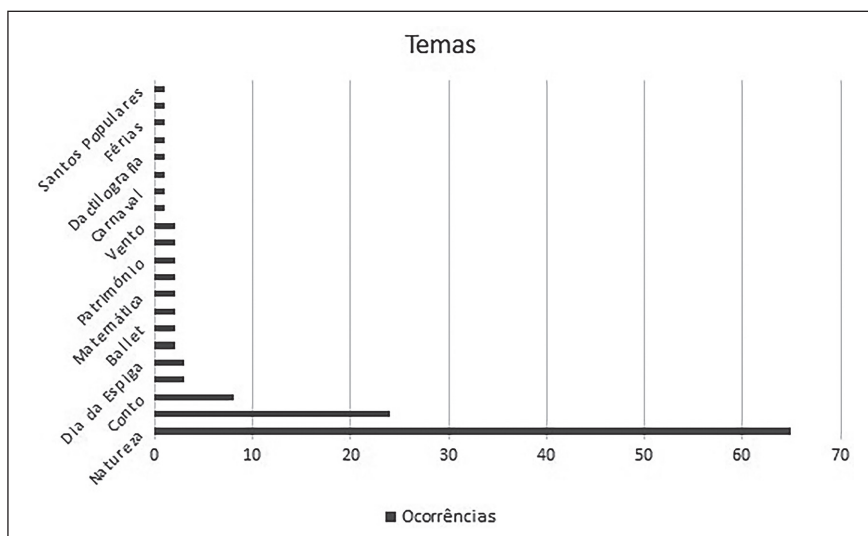


Imagem 9 - Gráfico de ocorrências temáticas da revista *Pérola*, 1965 a 1967.

Gráfico com base nas edições da revista *A Pérola*, referentes aos anos de 1965 a 1967 – Arquivo da revista *A Pérola*, Centro Helen Keller, Lisboa

Passando da natureza da composição à natureza da produção<sup>39</sup>, a análise destes anos da revista *A Pérola* mostra que quase um quarto dos textos e desenhos são coletivos.

Esta percentagem do coletivo sobre o individual, verificada nas Imagens 2 e 3, bem como na Imagem 8, é uma manifestação da educação cooperativa do Centro Infantil Helen Keller. Se os trabalhos individuais prevalecem num sistema tradicional de educação, até para fins de avaliação, a filosofia subjacente à escola incentivou os alunos ao trabalho de grupo e ao prazer da partilha, sobretudo no seu contexto de diversidade.

Destacamos ainda a importância da Natureza, sob a forma de narrativas pessoais, coletivas ou desenhos e relevos dedicados a animais e plantas ou ainda às estações do ano.<sup>40</sup> Este tema era bastante caro a Freinet e foi seguido pelos seus alunos pedagogos na orientação das suas turmas. Constatamos, desse modo, que as visitas de estudo e explorações de campo desde sempre fizeram parte da estratégia pedagógica da escola, auxiliadas pela localização definitiva da escola Helen Keller no parque florestal de Monsanto, reserva natural da região da Grande Lisboa, desde 1973, onde desenvolveram um contacto privilegiado com a natureza, fauna e flora.

<sup>39</sup> Imagem 8 - Gráfico percentual da natureza da produção (individual ou coletiva) da revista *A Pérola*, 1965 a 1967.

<sup>40</sup> Imagem 9 - Gráfico de ocorrências temáticas da revista *A Pérola*, 1965 a 1967.

A liberdade e variedade dos outros temas reflete o caminho individual de cada aluno ou grupo de alunos em aportar temas ou situações escolares ou familiares de seu interesse.

Não tendo efetuado uma análise terminológica densa, cumpre-nos, no entanto, mencionar que o verbo ver é utilizado indiferentemente por alunos cegos e videntes como leitura da realidade, banalizando a forma de contacto com o que é descrito nos seus artigos, independentemente da sua forma final ser a tinta ou o braille.

### **Considerações finais**

É de relevar, após este estudo de caso tão particular, que os periódicos escolares podem ser um excelente reflexo da teoria fundadora das instituições e mesmo da forma escolar em que se filia um projeto pedagógico através da expressão dos seus resultados no pensamento e expressão dos seus destinatários. Consideradas, além de mais, as dificuldades de inovação e de progressão ideológica dos professores sob o olhar de um regime político controlador, constatamos a imensa importância do trabalho realizado nesta revista pela escola como um todo. Ou seja, o espírito cooperativo e aberto entre alunos e professores do Centro Infantil Helen Keller, patente em particular na riqueza da sua produção impressa, proporcionaram uma difusão e implementação de pensamentos e práticas pedagógicas pouco usuais no Portugal dos anos 60.

Dado que nas características do Centro Infantil Helen Keller se encontravam a coeducação, a integração social e a integração de crianças com necessidades especiais, num regime harmonioso e pouco hierárquico em que as relações sociais vindas da influência de Freinet prevaleciam sobre a pedagogia tradicional, temos um exemplo de singularidade que se revela em sucesso. Pelo contrário, a educação e integração pela arte, pelo contato com a natureza, as relações e objetivos sociais, a diversidade de conteúdos e formas de comunicação, exigiam dos pedagogos, dos docentes e dos discentes um investimento em criatividade e autoformação sistemática.

Disso é prova a belíssima fonte revelada na revista escolar *A Pérola*, que analisámos, e onde revimos as prioridades desta escola, bem como dos seus alunos, num raro contexto de liberdade de expressão, diversidade e cooperação, que bem foram um espelho das técnicas herdadas de Celestin Freinet e do Movimento da Escola Moderna.

A forma harmoniosa como os temas e projetos surgem nas páginas desta revista, a quantidade de informação produzida em grupo e a inclusão de duas formas de escrita, bem como de duas formas de apresentação de grafismos (um destinado à receção pela visão e outro pela visão e pelo tato) são uma forma de apresentar o bom resultado de um projecto pedagógico em que duas equipas aparentemente distintas se cruzam socialmente de forma harmoniosa.

Assim, e em conclusão, podemos questionar se na revista *A Pérola* foram obtidos resultados de diversidade educativa e intensa socialização que ultrapassassem questões de género, de condições sensoriais e sociais. As diferenças de utilização de

códigos de escrita e grafismos são disso aparente evidência, assim como a diversidade temática e a coexistente insistência em temas da natureza, o fora da escola levado à escola como partilha. Nenhum grupo surge bem definido, não surgem fracos nem fortes, apenas colegas. Da mesma forma, a figura dos professores e pedagogos aparece em pano de fundo, suportando a forma, valorizando os temas e conteúdos e a sua liberdade expressa nas páginas da revista *Pérola*. Resta-nos igualmente deixar como objetivo o aprofundar da influência deste periódico na relação entre os professores e os próprios alunos, bem como nas respectivas famílias enquanto potência de integração.

## Referências

- A Pérola*. Lisboa: Centro Infantil Helen Keller, 1966-1975.
- Amado, Maria. "Centro Helen Keller: Inovar na Diversidade" in *Roteiros da Inovação Pedagógica. Escolas e Experiências de Referência em Portugal no século XX (Itineraries of Pedagogical innovation. Reference schools and experiences in Portugal in the twentieth century)*. Joaquim Pintassilgo e Luís Alberto Marques Alves (coord.). Projecto INOVAR, FCT project PTDC/MHC-CED/0893/2014 - from 2016 to 2019. Lisboa: Instituto de Educação da Universidade de Lisboa. 2019. Pp. 381-413.
- Barasch, Moshe. *Blindness. The History of a Mental Image in Western Thought*. Nova Iorque: Routledge, 2001.
- Dias, Maria Eduarda. *Ver, Não Ver e Conviver*. Lisboa: INR, 1995.
- Entrevista a Ana Maria Bénard da Costa, antiga diretora e professora do Centro Infantil Helen Keller, em 6 de Junho de 2016 em Sintra.
- Entrevista a Artur Anselmo, antigo diretor do Centro Infantil Helen Keller, em 11 de janeiro de 2017 na Academia das Ciências de Lisboa.
- Entrevista a Francisco Malta Romeiras, antigo aluno do Centro Infantil Helen Keller, em 30 de março de 2017 em Lisboa.
- Entrevista a Maria Eduarda Dias, antiga professora e diretora pedagógica do Centro Infantil Helen Keller, em 24 de outubro de 2016 no Centro Helen Keller, em Lisboa.
- Entrevista a Sérgio Niza, antigo professor do Centro Infantil Helen Keller em 5 de setembro de 2017.
- Fernandes, Rogério. História das inovações educativas (1875-1936). In Nóvoa, A., & Ruiz Berrio, J. A. *História da Educação em Espanha e Portugal. Investigações e Atividades*. Lisboa: Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação, 1993.

- Fernandes, Rogério. Movimentos de Inovação Pedagógica no Portugal Contemporâneo. Maria Amália Borges e a Integração Educativa em Meados do Século. *Escola Moderna*, n. 3, 5ª Série, 1998, pp. 23-41.
- Foucault, Michel. *Nascimento da Biopolítica: curso dado no Collège de France (1978-1979)*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- Goffman, Erving. *Stigma. Notes on the Management of Spoiled Identity*. Londres: Penguin Books, 1990.
- Goffman, Erving. *A Apresentação do Eu na Vida de Todos os Dias*. Lisboa: Relógio d'Água, 1993.
- Medeiros, Maria Amália. *As Três Faces da Pedagogia*. Lisboa: Livros Horizonte, 1975.
- Moutinho, Mário, *Escolas de Amblíopes. Obra da Liga Portuguesa de Profilaxia da Cegueira. Separata do Boletim da Associação de Socorros Mútuos*. Mutualista Covilhã-nense, 1958.
- Nóvoa, António. Coord.. *As organizações escolares em análise*. Lisboa: Publicações Dom Quixote; Instituto de Inovação Educacional, 1992.
- Ó, Jorge do. Apresentação do Livro: *Sérgio Niza. Escritos sobre Educação*. Lisboa: Tinta da China, 2013.
- Longmore, Paul & Umansky, Lauri. *The New Disability History*. New York: New York University Press, 2001.
- Paulus, Pascal. *Uma Outra Forma de Fazer Escola: A Voz do Operário da Ajuda* (Tese de Doutoramento). Lisboa: Instituto de Educação, Universidade de Lisboa, 2013.
- Pereira, Maria Isabel Vieira. *Caminhada de Uma Educadora*. Santarém, 2002.
- Pintassilgo, Joaquim; Alves, Luís Alberto Marques (coord). *Roteiros da Inovação Pedagógica. Escolas e Experiências de Referência em Portugal no século XX (Itineraries of Pedagogical innovation. Reference schools and experiences in Portugal in the twentieth century)*. Projecto INOVAR, FCT project PTDC/MHC-CED/0893/2014 - from 2016 to 2019. (Lisboa: Instituto de Educação da Universidade de Lisboa. 2019).
- Rose, Nikolas. *Inventing Our Selves. Psychology, Power, and Personhood*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

Santos, J., "In Memoriam, Dr. Mário Moutinho (1877-1971)". *Strabismus. Revista Portuguesa de Oftalmologia Social*. Lisboa: Liga Portuguesa de Profilaxia da Cegueira e de Recuperação de Inferiorizados Visuais, 1962.

Sérgio, A.. *Sobre o Sistema Cooperativista*. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1984

Vincent, Guy,. Sobre a História e a Teoria da Forma Escolar. *Educação em Revista*. Belo Horizonte, nº 33, 10, 2001.